



Acontecimento chacina: historicidade em tessituras narrativas¹

Sergio do Espirito Santo FERREIRA JUNIOR²

Jessé Andrade SANTA BRÍGIDA³

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA

Resumo

Buscamos apontar a relação entre acontecimento e narrativa, a fim de depreender possíveis movimentos em torno de temporalidades presentes na narrativização do acontecimento. Partimos de uma incursão a perspectiva de L. Quéré, ao mesmo tempo em que pensamos em narrativas sobre a violência que integram a constituição do acontecimento chacina. Assim, o acontecimento como prisma desse esforço investigativo dá conta da produção de uma vida narrativa do acontecimento, da revelação de campos problemáticos e da existência de temporalidades difusas em torno da narrativização do acontecimento chacina.

Palavras-chave: Acontecimento; Narrativa; Chacina; Historicidade.

Introdução

A violência é construída pela mídia? Durante muito tempo essa pergunta veio acompanhada de uma preocupação excessivamente moralizante em torno de possíveis influências midiáticas, de falseamento da realidade, resvalando em chaves interpretativas como o sensacionalismo, a banalização e a espetacularização para apontar as limitações dessa cobertura na compreensão do fenômeno social complexo, das irreduzíveis dimensões sociológicas e de uma problemática social. Resulta, porém, que ao buscar apontar limitações, essa perspectiva era ela mesma limitada ao conferir a esse processo de inscrição de relatos da violência no espaço midiático um caráter ou de todo onnipotente ou de extrema fragilidade, descurando quanto a nuances, atravessamentos e tensões presentes nesse movimento.

Se esse contexto para o qual se advogava atenção era complexo, porque então a sua emergência nas imagens e nos textos jornalísticos haveria de não o ser? Uma visada capaz de ir além dessa superfície torna possível realocar essa questão e modular os olhares rumo a novos lugares de fazer problema em torno de uma rotinização midiática e de sua relação com o social. É em razão disso que neste trabalho buscamos realizar um exercício heurístico de pensar essa violência a partir do viés do trabalho narrativo na constituição dos acontecimentos

¹ Trabalho apresentado no GT 1 - História do Jornalismo integrante do V Encontro Regional Norte de História da Mídia.

² Mestrando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA). Bolsista da Capes. E-mail: esferreira.sergio@gmail.com

³ Mestrando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA). Bolsista da Capes. E-mail: jesse.asb@gmail.com.

na vida social (QUÉRÉ, 2005, 2012). Não se trata de uma perspectiva inédita – ao contrário, já conta com um corpo de reflexões bastante consolidado no âmbito das Ciências da Comunicação, com o qual pretendemos também nos engajar em diálogo –, ao mesmo tempo em que o acontecimento é lugar que nos oferece elementos necessários a essa desnaturalização em torno da investigação sobre saberes e histórias em torno da violência na sociedade brasileira.

Segundo a perspectiva de Louis Quéré (2012), o acontecimento é entendido como aquilo que emerge no curso da vida social, na sua experiência, sendo capaz, pelo seu potencial de afetação, de causar rupturas, rearranjar posições, convocar à fala e à compreensão, passando a ser nomeado e a ter uma identidade individualizada. Dessa forma, “os acontecimentos não são, em primeiro lugar, representações, mas mudanças existenciais apreendidas sob o aspecto do seu *happening* e experimentadas simultaneamente sob o prisma de suas qualidades imediatas e seu condicionamento externo” (QUÉRÉ, 2012, p. 37, grifo do autor). Portanto, não se trata da sua simples ocorrência, mas daquilo que gera uma configuração relacional que instaura a imbricação entre as suas ordens do fenômeno e de sua transformação em um conjunto de ideias – razão pela qual infere que o acontecimento pode ser entendido como tendo duas vidas, uma como acontecimento existencial e uma como objeto de julgamento, distinção a que pretendemos voltar nas próximas seções.

É a partir desse ponto de vista que buscamos investigar em que medida é possível compreender a configuração narrativa de um acontecimento violento e como ele é atravessado por uma historicidade que condiciona a sua inteligibilidade. Para tanto, nosso percurso analítico parte de narrativas jornalísticas sobre a chacina da Região Metropolitana de Belém (PA), ocorrida em 21 e 22 de janeiro de 2017, marcadamente as que buscam explicar a chacina pelo prisma de chacinas anteriores. Diante dessa orientação das narrativas, indagamo-nos sobre de que forma a historicidade emerge no acontecimento chacina. Trata-se de uma expansão rumo a percursos divisados em outros escritos sobre a narrativização de homicídios em Belém e de sua constituição acontecimental, resvalando agora em uma maior focalização em torno das chacinas narradas pelos jornais impressos FERREIRA JUNIOR; LABOISSIERE, 2018).

O acontecimento como ponto de partida

Da maneira como vem sendo abordado nas Ciências da Comunicação no Brasil, o acontecimento baseia-se na perspectiva de Quéré, apontada acima. Trata-se de uma compreensão do acontecimento como marcado por movimentos de emergência, que se instaura em razão de sua dimensão hermenêutica, capaz de revelar aspectos do social na abertura de sentidos possibilitada pelo processo mesmo em que se insufla vida a ele (ARQUEMBOURG, 2005; FRANÇA, 2016; NEVEU, E.; QUÉRÉ, L., 1997; QUÉRÉ, 2005). Desse modo, o acontecimento nos remete de volta a uma nova possibilidade heurística diante da violência, marcadamente considerando que “os acontecimentos são elementos centrais na compreensão das narrativas e as mídias estão permanentemente lidando com eles, seja quando os narra, seja quando participa, inclusive pelo gesto narrativo, da dialética agir-sufrir o acontecimento” (CARVALHO, 2016, p. 270), ao mesmo tempo em que é socialmente animado em decorrência “de seu potencial hermenêutico (abertura de sentidos), convocação/formação de públicos (sujeitos afetados), desdobramentos narrativos. Acontecimentos fazem a sociedade falar; a fala da sociedade nos revela suas *dimensões axiológicas, culturais e políticas*” (FRANÇA, 2016, p. 222, grifo da autora).

Acontecimentos em contexto, mas também acontecimentos que se perfazem na vida social. De acordo com Quéré (2005), tanto na experiência individual quanto na coletiva é possível situar acontecimentos que nos afetam e configuram quadros de interação de modos difusos em razão das suas qualidades. Em razão disso, o acontecimento pode se constituir a partir de duas modalidades de experiência – enquanto fato do mundo e enquanto fenômeno de ordem hermenêutica. Segundo o autor, não se trata de perceber o acontecimento “que acontece” como um ente fenomenológico de todo independente, mas de pensar que o acontecimento acontece a alguém e mesmo essa sua dimensão de fato do mundo é decorrente da passibilidade de sermos por ele afetados, integrando-os à experiência. A esse respeito, portanto, infere:

Podem distinguir-se duas modalidades de experiência dos acontecimentos, não dissociadas, contudo, na vida real. [...] Eis duas perspectivas distintas que, na maior parte das vezes, se combinam concretamente. Quando um acontecimento se produz, *tratamo-lo como um facto no mundo*, situável no tempo e no espaço. *Identificamo-lo através da sua descrição*. Descrevemo-lo especificando as suas circunstâncias (especificação que pode ser resumida ou alargada). Tentaremos explicá-lo pela trama causal que o provocou, dar-lhe um sentido em função de um contexto prévio que o torne compreensível, socializar a surpresa que ele constitui atribuindo-lhe «valores de normalidade» (tipicidade, comparabilidade com acontecimento passados

similares, previsibilidade à luz das possibilidades do contexto, necessidade de ocorrência, etc.) (QUÉRÉ, 2005, p. 66, grifo nosso).

Esses dois movimentos diante do acontecimento dão conta da sua processualidade, já que segundo Quéré a descrição e a narração que buscam dar sentido e reduzir a sua contingência se dão enquanto processo comunicacional, em uma mútua imbricação que só faz sentido enquanto fenômeno socialmente realizado. A respeito mesmo dessa relação, Queré (2012), já se referindo ao acontecimento/facto do mundo como acontecimento existencial e ao acontecimento da ordem hermenêutica como acontecimento/objeto de julgamento, afirma que a diferença entre os dois diz respeito ao grau de simbolização presente em cada um deles. Sobre o primeiro, trata-se de acontecimentos encarados e abordados pela experiência direta, em suas qualidades imediatas, por meio de reações espontâneas. Já quanto ao segundo, são “acontecimentos que enfrentamos enquanto ocorrências recortadas do fluxo das mudanças, isoladas de seu contexto, nas quais concentramos nossa atenção na busca de uma determinação mais ou menos aprofundada de seu conteúdo e de sua identidade [...]” (QUÉRÉ, 2012, p. 24).

Essa forma de lidar com os acontecimento sociais, sua segunda vida, sua transformação em acontecimento-objeto torna-se possível porque o trabalho de sua descrição envolve um processo de *mise en intrigue*, de agenciamento de seus elementos em narrativa, operando uma mediação entre acontecimento e as configurações relacionais nas quais ele emerge (QUÉRÉ, 2012). De modo similar à perspectiva de Quéré, Borisenkova (2010) assinala que nem tudo se constitui como acontecimento, à medida em que para se tornar acontecimento (*event*) uma ocorrência (*happening*) precisa fazer recurso à narratividade para fazer então que o primeiro se estabeleça socialmente como tal, sendo distinguido e adquirindo significância na narrativa. Segundo a autora, além dessa dimensão, a narrativa “também demonstra uma capacidade de ‘refigurar’ o social ao descrever os acontecimentos sociais, subordinado sua sucessão a uma lógica de narração [*story-telling*] e transformando as suas características temporais” (BORISENKOVA, 2010, p. 93, tradução nossa).

Trata-se, portanto, de reconhecer nesse trabalho narrativo uma dessas dimensões presentes nessa transformação do acontecimento existencial em acontecimento-objeto, já que, ao ser posto sob escrutínio, ao se tornar examinável, ao emergir junto a uma descrição narrativa, ter o elemento temporal como condição da sua existência – fazendo alinhavos entre

passado e futuro, e fazendo figurar elementos de sua historicidade que só são possíveis em decorrência da natureza ideacional dos acontecimentos-objetos que também experienciamos.

Acontecimento violento, narrativa e seus campos problemáticos

A partir desse enquadramento teórico, as nossas preocupações diante do acontecimento violento se voltam ao questionamento em torno das temporalidades inscritas nas narrativas e dos movimentos que permitem inferir sobre a sua historicidade. Desse modo, se falamos de acontecimento a que se busca conferir uma identidade ou significados que o distingam de outros, cumpre perguntarmo-nos que acontecimento violento é esse, já que as próprias referências a acontecimento podem mobilizar sentidos em torno de classes de acontecimento como violências de gênero, morte de celebridades, morte de anônimos, etc., que difusamente constituídas farão falar sobre a violência.

A respeito do que apresentamos aqui, trata-se de um chacinas urbanas, ocorridas na periferia de Belém, em 21 e 22 de janeiro de 2017, que fazem parte de uma gramática ou categorização midiática, mas que transborda para outros âmbitos da vida social e faz com que a chacina seja uma espécie de rótulo caracterizador de um acontecimento, evocador dos eventos que constituem o acontecimento, inserindo assim o já acontecimento chacina em um quadro interpretativo em que seu episódio inaugural, seus desenvolvimentos, seus desfechos e mesmo suas tensões são parte de um percurso de narrativização socialmente inteligível por meio da mobilização de situações problemáticas⁴. Trata-se, portanto, de um acontecimento que emerge em interface com a sua descrição, com o trabalho de transformação de estados em uma inscrição narrativa, envolvido na tentativa de domesticá-lo. Segundo Babo-Lança (2008),

O acontecimento contingente é associado a outros acontecimentos, a causas, a razões e a motivos no caso das *ações feitas*, é comparado com outros acontecimentos do mesmo tipo ou é colocado em relação a uma ordem social, sendo a sua contingência reduzida pela sua inscrição num contexto causal, com a abertura de condições ou possibilidades de ocorrência. Isto constitui uma operação de normalização ou um processo de normalização do acontecimento, em que um “valor de normalidade” lhe é atribuído pela redução da sua contingência. Esta operação de normalização inscreve o acontecimento social numa textura causal ou teleológica a qual, mais do que coordenadas espacio-temporais, permite identificá-lo (o esquema causal serve não só para descrever o acontecimento mas também para o identificar, como defende

⁴ Nota de rodapé sobre esse rolê do problemático.



Davidson). As relações causais individualizam os acontecimentos, distinguindo-os de outros (BABO-LANÇA, 2008, p. 4-5, grifo da autora).

Esse desdobramento está presente no percurso da narrativa sobre essa chacina, que dura 13 edições, publicadas entre 21 de janeiro e 3 de fevereiro de 2017. No entanto, apresentamos aqui duas matérias publicadas no dia 23 de janeiro, intituladas “32 pessoas são executadas após morte de soldado da PM” (AVELAR, 2017, p. A2) e “Mortes em série superam três vezes a chacina de 2014” (SOARES; MENEZES, 2017, p. A2), nas quais a narrativa avança com novos acontecimentos, ao mesmo tempo em que se confere uma maior inteligibilidade para os eventos anteriores.

Figura 1 - Matéria sobre chacina da RMB, 23 jan. 2017

A2 ESPECIAL
23 de Janeiro de 2017 - www.diariomanha.com.br

VIOLÊNCIA SEM CONTROLE

32 pessoas são executadas após morte de soldado da PM

Depois do assassinato do PM Rafael Costa, 29 anos, na manhã da última sexta-feira (20), a Grande Belém foi palco de uma verdadeira chacina

JB Avelar
javelar@diariomanha.com.br

HOMICÍDIOS NA GRANDE BELÉM

SEXTA-FEIRA (20)

- 1 Belém - Cabanagem - vítima conhecida como "Santinho", 23 anos - 9h
- 2 Marituba - Gabriel dos Santos Santana, 23 anos - 10h
- 3 Ananindeua - Ronaldo Lopes Paschoa - 12:00
- 4 Ananindeua - Coqueiro - Frank Pinheiro Costa - 13h
- 5 Belém - Dengar - Zairi Santos dos Santos, 19 anos - 14:00
- 6 Belém - Sacramento - Alan Costa da Silva, 28 anos - 14:30 (campo aberto)
- 7 Ananindeua - Alakata - Euzer do Espírito Santo, 38 anos - 19h (campo aberto)
- 8 Ananindeua - Alakata - Lucas Henrique Pereira do Basso, 27 anos - 19h (campo aberto)
- 9 Belém - Cabanagem - Hugo Fabiano Maciel Borges, 19h
- 10 Belém - Cabanagem - Gauden Costa do Cristo, 34 anos - 17h
- 11 Belém - Campana - Helber William Pereira Fontes - 19h:30
- 12 Belém - Guamá - Fábio Oliveira Maciel, 23 anos - 19h:45
- 13 Ananindeua - Aguas Lindas - Edvaldo Rodrigues Gonçalves, 28 anos - 20h
- 14 Ananindeua - Luz-Guaporá - Wagner Luis Santos Oliveira - 20:30
- 15 Ananindeua - Cidade Nova - Wagner Luis Botelho Henri, 23 anos - 20:45
- 16 Belém - Itaipava - Jacilene do Socorro Pereira da Costa - 21:00 (motociclista)
- 17 Marituba - Patrícia Barbosa de Sousa, 38 anos - 22:05
- 18 Belém - Juruá - Mateus de Jesus da Silva - 22:07 (campo aberto)
- 19 Ananindeua - Aguas Lindas - Dieli Cristina de Noronha Sotolongo - 22:38
- 20 Belém - Guamá - Edilson Calandino Amorim de Almeida - 22:40
- 21 Ananindeua - 42 Hous - Anderson Carlos Sousa Almeida - 23:01 (campo aberto)
- 22 Ananindeua - 40 Hous - Jefferson Guedes Carneiro - 23:02 (campo aberto)
- 23 Marituba - Kato Terezo dos Santos, 30 anos - 23:30
- 24 Ananindeua - Nova Boa Vista - 23:40
- 25 Ananindeua - Joelson Guedes Contini - 23:55

SÁBADO (21)

- 26 Belém - Juruá - Ernando Fontes - 0h (motociclista)
- 27 Belém - Pôrto - Raysson Ronaldo Simões Botelho - 0h (campo aberto)
- 28 Ananindeua - Cidade Nova - Anderson Carlos de Sousa Lopes - 8h
- 29 Belém - Magalhães - Carlos Augusto da Silva, 10 anos - 12h
- 30 Belém - Outeiro - Adolescente de 17 anos - 19h:40
- 31 Belém - Outeiro - Adolescente de 17 anos - 19h:40

DOMINGO (22)

- 32 Belém - Juruá - Jefferson Santos Macedo, de 20 anos - Campo aberto

MORTE EM SÉRIE

As mais recentes vítimas da violência são fêmeas que amam a Região Metropolitana de Belém têm nome, documento, família e endereço. Nesta edição, o DIÁRIO apresenta uma série de reportagens especiais abordando um dos aspectos que mais preocupam a população: o crime e a insegurança. A dor das famílias, o medo das câmeras e a crítica de políticos e representantes dos Direitos Humanos também fazem parte do conteúdo.

MARAJÓ

O investimento de mais de R\$ 21 milhões do Programa Aquele Para Todos vai beneficiar cerca de 7 mil famílias de produtores rurais nas regiões do Marajó e Xingu. Como responsável pela parte que coordena o programa, o ministro da Integração Nacional, Helber Barbalho, visitou Soure na sexta-feira (20) para reunir com os prefeitos das 16 municípios do arquipélago marajoense - Afã, Anajás, Bujari, Bujari, Cabocira do Arari, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Ponta, Tucuruí, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure.

MORDEDO

O prefeito de Belém Leno para convocar o governo em 2016 está na mira das supermercadoras parenses. O supermercador Adilson Damasceno é o presidente do Grupo Mater, que detém a única verdadeira rede de supermercados no Pará. Incentivado pelo governo marajoense, onde paga somente 2% de ICMS, enquanto as lojas parenses têm que pagar com 17% de ICMS. Graças a isso, encontra uma maneira altamente lucrativa compra todo lá e trou para vender no Pará. Adilson autorizou a diretoria da Secretaria de Fazenda a liberar a compra de mercadorias trazidas pelo grupo familiar.

ÍNDIOS

Incluem-se pe de guerra no Xingu. Cerca de 300 guerreiros saíram das aldeias e estão em Altamira, codando proximidade. Eles demonstram que as comunidades estão sem técnicas de aviação, muletas, motocicletas, equipamentos de saúde e transporte para remoção de doentes. As lideranças indígenas de todas as etnias do Médio Xingu também exigem a substituição do chefe do Distrito Sanitário Regional Indígena (DSRI/Altamira). Na próxima quinta-feira, o presidente da Funai, Antonio Costa, chega em Altamira para negociar. Os indígenas solicitarão a mediação do deputado estadual Osório Juvenal (PMDB).

Fonte: AVELAR, 2017, p. A2



Figura 2 - Box sobre a relação entre a chacina de 2017 e a de 2014



Fonte: SOARES; MENEZES, 2017, p. A2

A primeira resgata o episódio inaugural desse acontecimento – a morte de um policial em resposta a qual mais de 20 pessoas foram mortas, com claros sinais de execução, ao mesmo tempo em que, ao fazer referência aos nomes das vítimas reinsere um quadro no qual a sua mera menção dá conta do quão disruptivo foram os eventos agenciados na narrativa desse acontecimento. Em relação à segundo, um outro elemento ganha maior relevância na cena narrativa, o fato de essa chacina ter tido semelhanças com a que aconteceu em outro ano anterior, na qual também houve morte de policial seguida de assassinatos de pessoas na periferia por grupos de extermínio. Do ponto de vista narrativo, há uma referência não só ao passado do acontecimento, assim como também à indeterminação do acontecimento ainda em andamento, apontando para um futuro incerto, no qual mais mortes poderiam acontecer ou mais chacinas dessa mesma natureza se tornariam mais constantes.

A chacina como acontecimento, desse modo, resvala em mais do que a descrição de casos de mortes violentas, aponta para um cenário constituído de tensões e de *modus operandi* caracterizado por um “campo problemático”, entendido por Quéré (2011, p. 27) como “um conjunto de problemas enredados, cuja análise está mais ou menos estabelecida (em termos de causas e consequências, de tipos de agentes e de tipo de razão de agir) e cujo tratamento é encarado em termos de alternativas relativamente definidas”. Na sua perspectiva, um acontecimento tem a potencialidade de revelar um campo problemático de dimensão mais ampla, lançando luz sobre aspectos não só contextuais, mas inerentes ao ‘acontecer’ desse acontecimento na vida social. Diante dessa virtualidade reveladora, emerge a necessidade de descrição, discussão, fala, exame quer midiática, quer institucional, quer cotidiana, a fim de

dar conta de um acontecimento individualizado e da sua totalidade significativa (QUÉRÉ, 2011).

Essa dimensão do campo problemático não é autoevidente no acontecimento, mas é algo que emerge nos movimentos de leitura possibilitados por essa ligação com a vida social e pelo fato de eles nos remeterem às tensões do contexto dos quais emergem, ainda que muitas das vezes os sentidos pareçam estar estabilizados no caráter típico que os próprios acontecimentos possuem. A esse respeito, é relevante o alinhavo que o relatório da OAB-PA realiza em torno do que caracteriza essas mortes, na maneira como se fala delas e de como a sociedade se relaciona com ela, como consequências de um expediente reproduzido de forte delimitação de quais vidas são tomadas como perdidas.

Nos estudos feitos no Pará percebe-se duas dimensões nefastas do fenômeno da morte de jovens negros e pobres. A primeira evidencia-se pelo discurso de legitimação dos assassinos e pela criminalização das vítimas, tidas sempre como “vagabundos”, “devedor”, “maconheiro” ou “com passagem”, este discurso sintetizado na expressão “bandido bom é bandido morto” é martelado diariamente por jornalistas e veículos de comunicação na imprensa escrita, falada e televisionada de forma que se tornou um mantra já assimilado por grande parte da população, inclusive pela população que está sujeita a estes matadores. A segunda dimensão dos crimes cometidos contra jovens negros e pobres é a irrelevância midiática de suas mortes, fica patente que o estrato social a que pertence à vítima é preponderante para a comoção social que sua morte causa. O exemplo claro foi a repercussão da morte de um universitário numa segunda feira, logo após um final de semana onde foram registrados 19 mortos, incluindo uma criança. Neste caso o número de mortes é usado pela imprensa para dar mais dramaticidade à cobertura da morte do estudante universitário. Este fato está claramente ligado ao estereótipo que insere todo jovem oriundo da periferia da RMB no rol de suspeitos e que marginaliza suas condutas pela expressão da cultura de periferia e o coloca com sujeito da expressão “bandido bom é bandido morto” (OAB-PA, 2017, p. 7-8).

A descrição sinaliza para o contexto problemático da condição de vida dessas pessoas e os âmbitos aos quais elas são socialmente alocados. Esses mortos não quaisquer mortos – são os indivíduos à margem, periféricos, que, no bojo dos saberes sobre a violência, sobretudo os midiáticos, são tidos como potencialmente criminosos, potenciais usuários de drogas, ainda que não haja confirmações a esse respeito, mortos pelas suas supostas relações com um “mundo do crime” e o tráfico de drogas, também presentes na narrativa das chacinas. O domínio midiático, nessa perspectiva, surge como lugar de reiteração do que os nomeia, do estatuto em que são inscritos, e a forma como a presença da sua morte integra uma economia da visibilidade que perpassa também um regime jornalístico de normalização dessas mortes, apontando no lugar mesmo da produção noticiosa em torno da violência um lócus em que o

conflito se evidencia. Desse modo, é possível dizermos que aponta para uma naturalização da ‘descartabilidade’ da vida que se processa em uma interação complexa, reflexiva, do acontecimento com o social.

Em torno dos tempos e da historicidade na narrativização de chacina

Como consequência desse campo problemático e da narrativa que insere o acontecimento em contexto, o questionamento em torno dos tempos emerge como forma de dar cabo de nosso movimento analítico, já que vemos nessa mobilização do tempo presente a inscrição difusas de outros tempos que corroboram para o próprio sentido de atualidade que caracteriza a narrativização da violência, aparentemente instaurada quando de um acontecimento em um ciclo completo, abarcado seu início, meio e fim. Cumpre ressaltar essa aparente descontinuidade em razão de a visada do acontecimento nos fazer atentar para o seu contrário, a imbricação das temporalidades e o atravessamento pela historicidade que informa e permite ao acontecimento mesmo que exista.

Quando o jornal enuncia a chacina em relação à sua recente ocorrência e quando evoca uma mesma classe de acontecimento, mas já na caracterização de outra chacina identificável, resvala em um processo no qual “ao desorganizar o presente, o acontecimento instala uma temporalidade estendida, convoca um passado com o qual ele possa estabelecer ligações, anuncia futuros possíveis” (FRANÇA, 2012, p. 47). Esse tempo presente se constitui como espaço de interface no qual o acontecimento se produz, se perpetua em relação a acontecimento anteriores e anuncia aquele valor de normalidade para a sua potencial ocorrência no futuro.

Sobre essa imbricação de tempos, Hartog (2015) infere que é nos regimes de historicidade que ela se processa, inferindo que na modernidade parte-se do presente para dar conta das experiências do tempo. O autor aponta para possibilidades narrativas condicionadas às relações entre presente, passado e futuro – de modo que essa relação define a possibilidade mesma de haver histórias sobre os acontecimentos. Diante disso, o autor se indaga da seguinte forma: “há relação entre um passado esquecido ou demasiadamente lembrado, entre um futuro que quase desapareceu do horizonte ou entre um porvir ameaçador, um presente continuamente consumado no imediatismo ou quase estático ou interminável, senão eterno?” (HARTOG, 2015, p. 38). Essa contingência sobre a caracterização dos tempos também condiciona a sua compreensão e realização, sendo possível no caso das narrativas sobre

chacina perceber essa complicada trama de temporalidades oscilantes, que apresentam pelo acontecimento violento o passado dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que parece tentar ocultá-lo, o futuro entre o vaticínio da agravamento da violência e da sua própria dimensão de inelutável, além de um presente conflitivo, mas cujos sentidos foram estabilizados e tornados típicos, incontornáveis.

Por outro lado, Dosse (2013) nos apresenta uma problemática do tempo que emerge justamente na conjunção entre acontecimento e narrativa, no trabalho do historiador, mas também como um marco para compreender a vida social na configuração de sua historicidade. Na sua perspectiva, para compreender o acontecimento nas possibilidades de sua ordem hermenêutica é preciso estar atento à transformação, já que “a fixação do acontecimento, sua cristalização se efetua a partir da sua nomeação” (DOSSE, 2013, p. 186)”. É em razão disso que a temporalidade dos acontecimentos se relacionaria com como eles são capazes de produzir uma própria mitologia, com sentidos que são expandidos no cruzamentos entre os sentidos individuais e coletivos, o que se dá em certa medida pelo enredamento, pela mise en intrigue, como apontado acima – processo no qual a própria constituição dos tempos na narrativa é dependente de seu enredamento na mediação dos acontecimentos.

Daí também essa ordem narrativa que emerge na narrativa sobre a violência ser fundamental para uma inscrição da experiência do acontecimento chacina na vida social, já que se pauta nessa atualização e inteligibilidade ligada ao processo de transfiguração do tempo e do mundo sócio-histórico, mediado pela narrativa, mas que remete de volta aos acontecimentos instauradores e reprodutores dos sentidos no quadro dos possíveis que esse acontecimento violento produz. Dessa forma, podemos enxergar sob um novo prisma a ideia de que “ao ser apreendido enquanto passado, o acontecimento pertence ao domínio das ideias, deixando o domínio da existência. Com efeito, o acontecimento é um devir sob modalidades diferentes. [...] ele cria um passado porque surge a questão de saber o que o provocou e condicionou e cria um futuro porque há interesse em suas potencialidades e consequências. (QUÉRÉ, 2012, p. 26-27).

Considerações finais

De um ponto de vista seminal, buscamos apontar a ligação entre acontecimento, narrativa e historicidade a fim de complexificar uma visada sobre a violência que transcorre

em um quadro muito típico da vida social. A própria adoção da perspectiva do acontecimento nos impele a considerar uma interação de ordem complexa entre elementos da temporalidade que condiciona a constituição simbólica dos acontecimentos e as configurações relacionais que ele torna possível.

Os lugares em que essas temporalidades se inserem são difusos e apontam para uma contingência ainda mais marcante no esforço interpretativos sobre o acontecimento, tanto quanto aquela que marca a sua transformação como objeto de julgamento. Algumas posições decorrentes dessa visada, no entanto, reverberam e assinalam a proficuidade de pensar essas narrativas de violência em interface com a sua aderência ao contexto social em que emerge o acontecimento, sendo a atenção em relação a essa vida narrativa do acontecimento algo bastante relevante, marcadamente, porque ao acontecimento depende também do trabalho narrativo em torno de seus elementos, dele derivando as configurações temporais que lhe conferem a sua existência enquanto entes compreensíveis e que fazem compreender o social dos acontecimentos.

Referências

- ARQUEMBOURG, J. Entre facto e sentido: contar o acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 109-112, primavera 2005.
- AVELAR, J. R. 32 pessoas são executadas após morte de soldado da PM. **Diário do Pará**, Belém, 23 jan. 2017, ano XXXIV, n. 11.867. Cidade, Especial, p. A2.
- BABO-LANÇA, I. Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL IMAGEM E SOCIABILIDADE, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais... PPGCOM/UFMG**: Belo Horizonte, 2008. p. 1-18.
- BORISENKOVA, A. Narrative refiguration of social events: Paul Ricoeur's contribution to rethinking the social. **Ricoeur Studies**, v. 1, n. 1, p. 87-98, 2010.
- CARVALHO, C. A. As mídias como metáforas narrativas: apontamentos sobre a necessidade metodológica de não desprezar as textualidades. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (Org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 257-276.
- DOSSE, F. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix**. São Paulo: Edunesp, 2013.
- FERREIRA JUNIOR, S. E. S.; LABOISSIERE, L. M. Cenas da morte no acontecimento violento: diante da narrativização de uma chacina. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 23., 2018, Belo Horizonte. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018. p. 1-15.
- FRANÇA, V. R. V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 39-51.

_____. Partilhando experiências: a atração e o desafio da comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 209-224.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NEVEU, E.; QUÉRÉ, L. The age of events. The spume of history - or an information master-frame? **Réseaux**, v. 5, n. 1, p. 9-25, 1997.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - SEÇÃO PARÁ - OAB-PA. **Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínio de jovens negros no estado do Pará**. Belém: Comissão de Direitos Humanos/OAB-PA, 2017.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, primavera 2005.

_____. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio**, Lisboa, p. 13-37, primavera 2011.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 21-38.

SOARES, P.; MENEZES, C. Mortes em série superam três vezes a chacina de 2014. **Diário do Pará**, Belém, 23 jan. 2017, ano XXXIV, n. 11.867. Cidade, Especial, p. A2.